

como em física. Há em Hobbes um espírito maravilhosamente penetrante, e logo após extranhamente fraco. É que êle não aproveitou suficientemente com as matemáticas para se garantir dos paralogismos. Enfim Spinoza tentou demonstrações... É preciso confessar que êste autor teve alguns pensamentos belos e profundos, mas outros tão embrulhados e tão afastados da clareza das matemáticas que não sabemos que dizer, e no entanto êle quer fazê-las passar por demonstrações incontestáveis» (1).

A Metafísica, com efeito, não consegue organizar-se em ciência, e destacar-se da Filosofia. As matemáticas progredem desde a antiguidade, e renovam-se profundamente com Pascal, Descartes, Newton e o próprio Leibnitz: Cálculo infinitesimal, Geometria analítica, Cálculo das probabilidades.

Por outro lado a Física e a Mecânica, com Galiléu, entravam na sua fase científica, e as outras ciências seguiam pelo mesmo caminho, embora com mais dificuldades; da nebulosa primitiva da filosofia, iam-se destacando uma a uma, como diz Servien (2); mas numa certa zona da nebulosa o movimento parecia suspenso: a Metafísica continúa a marcar passo, ou a girar sempre no mesmo círculo.

Leibnitz, descontente com a Metafísica antiga e contemporânea, tenta um esforço para remediar êste estado de coisas: inventa então a «Speciosa» geral, a «Combinatória». Em 1666 publica o seu pequeno tratado intitulado «Dissertatio de arte combinatória»; e, tóda a sua vida, em ensaios e notas variadas, Leibnitz se mostra preocupado com êste problema.

A primeira idéa desta «Combinatória» está porém na «Ars Magna» de Raymond Lulle (século XIII); Raymond Lulle ainda fez de matemático, e tentou a arte das combinações. Seria sem dúvida uma bela coisa em arte de Lulle, se os seus termos fundamentais Bonitas, Magnitude, Duração, Potentia, Sapientia, Voluntas, Virtus, não fôsem tão vagos e por consequência apenas servissem para falar e não para descobrir verdades».

A «Combinatória» é o desenvolvimento do germen contido na «Ars Magna». É assim definida pelo próprio Leibnitz: *Speciosa geral*, em que todas as verdades da razão seriam reduzidas a uma espécie de cálculo. Poderia ser, ao mesmo tempo, uma espécie de Língua ou Escrita universal, mas infinitamente diferente de todas aquelas que foram projectadas até aqui, e os êrros, com excepção dos de facto, seriam aí apenas êrros de cálculo» (1).

A idéa de uma Lógica matemática está perfeitamente definida neste trecho. Noutro local Leibnitz diz: «Não se tem considerado de que importância seria poder estabelecer os princípios de Metafísica, de Física e de Moral com a mesma certeza que os Elementos da Matemática. Ora eu encontrei que por êste meio não somente se chegaria a um conhecimento sólido de muitas verdades importantes, mas ainda que se conseguiria uma Arte de inventar admirável, e uma análise que fôsse alguma coisa de semelhante, em outras matérias, ao que fez a Álgebra com os números.

Porque tendo reduzido por êste meio um raciocínio de moral, de física, de medicina, ou de metafísica aos termos ou caracteres, poder-se-á então por tal forma acompanhá-lo com a prova dos

(1) Leibnitz, *Opuscules et fragments*, Alcan, Paris, 1903 (édition Couturat).

(2) Servien, *Le Langage des Sciences*, Act. Sc. et Ind. — N.º 592, 1938.

(1) Leibnitz, *Opera philosophica*, 1840, p. 162.